

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 33 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 25 de Outubro de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO, Guimarães

ELEIÇÕES

Para aqueles republicanos que, como os que neste jornal trabalham, nada devem nem nada pedem á Republica; para aqueles republicanos que devem as suas convicções á fria análise dos principios e se não fizeram por capricho, comodidade ou calculo, não pode ser indiferente o momento que se aproxima: o periodo das eleições. Temo-las á porta, no dizer singelo do nosso povo, e é de esperar, infelizmente, que se apresentem ainda desta vez com o seu nojento cortejo de tricas e cabalas, desmandos e violencias.

Lutas de homens mais que de ideias, as eleições entre nós deixaram sempre um rasto de tropelias e immoralidades que muito as afastam dos seus fins. Principio basilár em qualquer sistema democratico, a sua execução pura e simples impõe-se e para isso mister se torna que de vez se abandonem velhas usanças que por nada se recomendam, tão deprimentes e aviltantes são. Em toda a parte as eleições se prestam a *habilidades* mais ou menos condenáveis, bem o sabemos nós; em toda a parte há ambiciosos e há ingénuos; mas em parte alguma se fará o que entre nós se tem feito

em materia eleitoral, pondo de lado, claro está, aqueles estados em que imperam ainda os velhos usos feudais ou as modernas tiranias... que já a antiguidade condenava. Todos os meios são bons, desde que conduzam aos fins em vista e por isso vá de usar todos os meios, mesmo a injuria, mesmo a calunia, mesmo... tudo, que de tudo se tem lançado mão para *vencer* nas eleições.

As consequencias de tais processos conheceu-as a monarquia; foram elas arma poderosa nesse combate em que o trôno baqueou para sempre. Conhecem-nas os monárquicos que, useiros e vezeiros, doutros processos não sabem usar; mas que nós, os republicanos, vamos na sua esteira, sigamos os mesmos caminhos, é que é inadmissível. Urge dar ás eleições o caracter que elas devem ter, sanear o acto, isto é, democratizá-lo e isso não se consegue com decretos nem padre-nossos, mas com uma propaganda que seja uma apostolização dos principios conscientes e, portanto, responsáveis. E' isso o que se tem feito nesta duzia de anos? Dizem os factos que não.

Sêlo ou não sê-lo

Eis a questão...

Por causa da lei do sêlo
Que um estadista com zêlo
Se lembrou de fabricar,
Vai p'r'aí um tal chinfrim
Que até as «forças» em mim
Já sinto «Phenixisar»...

Contra ela, as «fôrças vivas»,
—Quer activas, quer passivas,—
Ergueram pendão de guerra;
E, contra o sêlo da lei,
Erguem-se as iras da Grei
Num alvoroço que aterra!

Se a questão fosse de «massa»
As «forças vivas» —por graça—
Pagariam sem bufar.
Mas o ponto da questão
Bate no sêlo ladrão
Por ser sêlo... de celar!

E, além disso, a humilhação
Que a lei cria ao cidadão
—Coisa é vê-lo, outra dizê-lo!—
De poder «qualquer» fiscal
Meter o nariz «legal»
Em tudo que tenha sêlo.

Esta luta, quanto a mim,
Vai ter por certo mau fim.
E do fim estamos ás portas...!
«Forças vivas», de mansinho...
Deixai em paz o galinhó,
Não desperteis «Forças mortas»...

PIRILAU.

RIDENDO...

O «Comercio», o inocente, o Sant'Antoninho onde te porei, o que não quer controversias com colegas, no seu numero de 7, naquele artigo —«No Extremo» —é duma delicadeza tal para com os republicanos que até parece incrível. Querendo dizer muitas coisas, querendo assacar-nos muitos crimes, oh meu inocentissimo «Comercio», alma candida vivendo num coraçãozinho de pomba, êle aqueles ultimos setenta anos de Monarquia não foram de uma honradez tal que até perdemos o crédito no estrangeiro? êle a operação da prata foi assim tão má coisa para que fala nela sem saber o que é, que foi? êle os desfalques serão coisa nova neste mundo, com os exemplos do Crédito Predial, e daqueles outros que se chamaram adiantamentos?, e edcêtera e muitos e muitissimos edcêteras?

Com que então o «Comercio» não admite que festejemos a data da proclamação da Republica? Ora o diabo! Isso recorda dias de luto e dôr? E' verdade que recorda, oh se recorda.

Aqueles dias da ditadura do Franco, aquelas operaçõesinhas do Zé Luciano, aquela liberdade que nós tínhamos de afirmar ideias nos tempos do Padre Matos, aquelas vergonhas do Carrilho e do Espregueira, as Leis do 13 de Fevereiro e 31 de Janeiro de 1908, e outra vez muitos edcêteras, esses é que foram dias de luto e dôr, miséria e podridão.

Agora, amigo «Comercio», de-

safivele a máscara de inocencia e de virgindade com que se apresenta sempre que é chamado a contas, e di-nos porque nos chama vendilhões da Pátria. Se é por causa do *chama-lo antes que l'o chamem*, vá lá, porque é essa a defesa de muita gente. Mas se foi só com o fim de nos pretender insultar, convidado a estudar história Pátria antes de 1910, porque vai lá encontrar tantos vendilhões da Pátria que até o «Comercio» se admira de ter vivido em tão ditoso engano. E de resto queira o «Comercio» provar-nos que somos vendilhões da Pátria, a nós que não fugimos á Africa e á Flandres.

Olhe que isto de conhecer bem o que é Pátria é muito difficil —tem os seus perigos, principalmente quando temos de expôr a vida por ela. E o maior perigo está em perder-se a vida para, á custa do nosso sangue, continuarem o «Comercio» e muitos «Comercios» a ser filhos da Pátria de quem nos chamam vendilhões.

Olhe que já é inocencia e candura de mais. O «Comercio», a continuar assim, qualquer dia rebenta de virgindade. Ora o demo não as laventa melhores!...

...

O sr. A. C. C., no «Equus», trata do «Fundo da Causa». Que a causa está no fundo, já nos sabemos e está por demais demonstrado. Que a causa nos ia metendo no fundo é mais que certo, mas também é certissimo que se os monárquicos procurassem bem no fundo da consciencia da Monarquia, não se metiam nas funduras de arranjar fundos para a causa.

Quer o sr. A. C. C. uns bons fundos? Pois tem os fundos das cuécas do sr. D. Manuel na manhã da Ericeira e os fundos das ceroulas dos trauliteiros em 13 de Fevereiro de 1919. E aí terá o sr. fundos mais que suficientes para embrulhar a causa. Não cheirava bem a mortalha da causa? Paciencia. Não merece outra coisa.

Lêdecoé.

O NOSSO LICEU

Em carta publicada no «Ecos» rebate o Ex.º Sr. Reitor do Liceu de Martins Sarmiento certas afirmações *leviano-politicamente* feitas no mesmo jornal acerca da questão do Liceu.

Vem provar-nos essa carta que a acção da Camara muito tem de louvavel pelo que já fez e pretende ainda fazer para melhorar as condições do nosso primeiro estabelecimento de ensino, não sendo, por isso, justas as acusações que lhe fez o nosso colega monárquico, tanto mais que de fonte segura nos vem a informação de que alguns membros da Camara tem envidado todos os esforços para que o Liceu volte a ter o seu curso completo. Esta é que é verdade, ainda que custe aos que, abarrotando de baírrismo, patriotismo e quejandas *virtudes*, nada tem feito de util para a sua terra.

: POEMÉTOS :

LUZ SOLAR

As nuances vegetais
—vestido multicolor—
são da Terra o manto e côr de belezas virginais.
Maravilhosos vitrais
que lhe empresta a luz do dia;
a luz suave que cria
nos vergeis tanta pureza,
ponto de toda a beleza
na linda policromia;
toalha turbilhonante
de safiras e rubis
a debruar a matiz
o regato murmurante.
Soberba e fascinante
magestosa, que domina
sobe do vale á campina,
estúa pelos fragedos
e vai florir nos silvedos...

O' santa luz incriada
que vens do bom sol amigo
alourar o verde trigo
e a giesta na coutada:
sois a meiga e grande fada
nascente desta magia
tens tanta soberania
na tua força imanente,
que na própria Terra ingente
deixas travos de agonial

Jorge RAMOS.

CRONICAS DA VIDA

Progresso Feminista

Contam os jornais que a mulher está preparada para se desfrontar com o homem quer no mundo politico e social, quer nas artes, ou nas letras—desfronta, dizem, para temer tanto mais que o homem cede-lhe o terreno plano a palmo com a mesma facilidade com que Sansão se viu traído por Dalila.

A mulher, á face dos códigos, tem os mesmos direitos que o homem, e seria—acrescenta-se—um absurdo negar-lhe, depois de tantos séculos de tirania e de despotismo, a liberdade de agir, yendo-se livre, enfim, da tutela paterna (que da do marido já ela está, como Deus quer e é servido).

Não sou eu quem vai de encontro ás aspirações das respeitáveis fêmeas, antes pelo contrário; as suas rogalias estão há muito em aberto, e que só o século XX foi capaz de lhas conferir e reconhecer.

Mas, depois de tudo isto, o que quero é o que vai fazer a Mulher? Endireitar o mundo e os homens, as leis e os costumes? Santo Deus! Se o parlamento dos homens é uma torneira aberta á verbosoria intelectual, calcule-se o que será daqui a umas dezenas de anos mais uma assembleia de mulheres!... Com o tamanho que tomam as suas linguas, o homem bem pode procurar lugar seguro que a sua sorte está talhada: fará as compras indispensáveis á vida caseira, cozinhará e deitará, nas horas vagas, «chico» nas meias da senhora deputada e da sopena. E' que esta tem iguais direitos e procurará defendê-los do alto da mesma tribuna ao lado da sua senhora e... companheira.

Será então a melhor ocasião de juntar ás idades do ferro e do ouro mais esta—á idade das linguas... de prata.

AFONSO FRANÇA.

ECOS

Bombas

Ainda há ecos dos ecos dos foguetes com que o burgo festejou o recente aniversário da Republica. O «Ecos», que se fez eco dos tais ecos, sai-nos a queixar-se de que há prédios avariados com o estoirar das bombas. Deve haver engano, que o caso deu lugar a muitas confusões. Eu explico: é sabido que a cada foguetão que rebentava, correspondia o estoirar de oito ou dez cabeças de talassas. Amargos de boca, ódios repressos, ou outro qualquer motivo, deram margem a isto. Ora, por mais metralha que lève uma bomba, nunca os estragos serão tantos como os produzidos pelo vazar de ódios incomensuráveis armazenados nos patecos «caos» dos queixosos. Do que se conclui, pelo menos, que os estragos tanto podem ser devidos ao estoirar das bombas como ao estoirar das estanhas na boca.

Rapaziadas

Estamos pelo que diz o sr. A. C. C. O melhor é dividir os contribuintes como os rapazes. E' pôr a coisa nos seus devidos termos, que isto não passa de rapaziada. Grandes rapazes, pequenos rapazes e, entre estes, os medios rapazes. Assim é que está bem, salvo se houver quem vote por esta minha humilde opinião: entre os grandes e os pequenos não se colocam os medios, mas os nédios. Estes são melhores para ficar no meio. Há só este inconveniente: todos se julgam bons para nédios e a causa vem a abortar por falta de «grandes» e de «pequenos».

Lêde e propagai

“A RAZÃO,”

Semanario republicano.

Forças Vivas

A correspondência de Guimarães, em um dos últimos números do «Primeiro de Janeiro», acerca de uma reunião realizada na Associação Comercial para apreciar o movimento das Forças Vivas, dizia o seguinte:

«Foram expostos os trabalhos já realizados e aprovada uma moção por unanimidade, dando a sua adesão e apoio a brilhante e patriótica iniciativa para conseguir o necessário ressurgimento financeiro e bem estar nacional».

Ora quem encarar com serenidade este movimento, apreciando o nadinha de prosa acima transcrito, chega á conclusão de que o movimento é feito pelos *patriotas*, pelos amigalhões do povo e também... pelos que se regosijam com a derrocada do País.

Comparando o plano financeiro seguido pelo actual governo com a razão de ser do movimento, estudando com olhos de ver as medidas que estão sendo postas em execução, e sequentemente prevendo os seus efeitos—melhoria cambial motivada pela acção directa do Estado—nenhuma dúvida há em afirmar que os illustres comparsas do João Pereira da Rosa (pescando naquelas águas rugerónicas, tam conhecidas) são na verdade venturosas esperanças e incultos varões... assinalados que servem a Pátria com o melhor dos seus esforços.

Reconhecida a vastidão dos protestos e tomada como exemplo a moção de João Abreu de Lima—herói das conspiratas inocentes (1)—é lei natural acreditar-se nas boas intenções de quem tanto pugna pelo bem estar... colectivo.

E sem me guiar por espiritos obcecados nem tentando sequer mostrar animosidade alguma para com as Forças Vivas do País, eu procurarei em todo o caso «dar o seu a seu dono».

Conheço bem as dificuldades que tem havido, quais os prejuizos desta crise demorada, quais os factores que concorrem para esta semi-paralisação e também quais as causas que criaram ao commercio e á industria este desespero involgar.

Não me repugna á consciencia o afirmar que a situação é má, que há excessos e exagérios para a classe em rebeldia e que, a continuar assim, muitas e muitissimas ruínas se presenciarão.

Mas, reconhecido tudo isto, havemos de confessar que diferenças existem.

O pequeno commercio está a protestar para favorecer aqueles que jantam com cheques de 200 contos; beneficiar somente os que auferem de lucros a módica quantia de 12:000 contos; serve de escada aos que possuem duzias e duzias de automoveis—afronta máxima para a classe consumidora.

O pequeno commercio vive na ilusão, vive com as promessas e condói-se do graúdo, não se recordando porém que está sendo engulido pelo tubarão, que o seu gesto lhe é prejudicial, dada a hipótese do triunfo. O pequeno commercio torna-se criança em assim proceder, é meninho inocente porque adormece com as cartigas dos gananciosos e usurpadores do ouro.

E alga: a atmosfera é pesadíssima, paga-se demais, quasi se não ganha para o pão; protestemos todos e bem mal vai ao governo, se nos não atende, porque isso será o primeiro passo para o anarquismo; somos uma classe como outra qualquer e se a perseguição nos é movida, tanto melhor porque não somos bambistas, etc. e etc...

—Que a atmosfera é pesadíssima, já nós o sabemos, já o sabe o consumidor; que se paga demais e quasi não chegando os lucros para esta despesa, também não é novidade nenhuma; mas que Moagens, Sotos Maiores, Companhias distribuidoras de accões gráteis e validadas 40 vezes mais, se riam da palermice do negociante-carpideira e continuem a encher as burras e a dilatar os seus abdomens, também está demais demonstrado!... Que se proteste dentro da oportunidade e educadamente, muito bem; agora protestar-se como qualquer peixeira, invectivando e insultando, desgraçado do consumidor que o fizesse porque era tiro pela certa!

Que o governo ouça a opinião e atenda a reclamação de qualquer classe, está certo, e não se deve negar a ouvir e a atender; mas tentar que um governo desfaca o que o Parlamento lhe mandou fazer e dis utui ás vistas de todos, que faziam as Forças Vivas?!

Entretinham-se com o numerário e dormiam como qualquer boa... Associação Comercial.

Pois continuem a dormir, a vêr o câmbio na Folha e... a protestar para defesa do consumidor, que amanhã, uma vez declarada a crise de trabalho, havemos de vêr a vossa força e os vossos decretos!...

Siul.

refere—devia estar... prêso. Ou a lógica... Mas que P. tfo estapafurdio. Que par de bolos!...

Os passeios transformados em Praça de Peixe?

E' vergonhoso dizê-lo, mas é verdade. Ali, na rua de Paio Galvão, os passeios foram assaltados pelas peixeiras, assim transformados em praça de peixe.

Que fazem os senhores z-ladores que tem pouco zelam?

Então o Código permite que os passeios sirvam para armazen de canastras, obrigando o transeunte a caminhar pela calçetaria?

Providencias, senhores!

«Diário de Noticias»

Ainda a página regional

O nosso presado colega da Lisboa «O Diário de Noticias», transcreveu na integra o elogio feito á sua obra pelo nosso jornal.

Agradecemos ao dignissimo e correspondente nesta cidade, sr. Alberto Vieira Braga, a lembrança que teve e bem assim o ter sido S. Ex.^a quem conseguiu a organização de tal página.

Crónica Sportiva

A posse dos Corpos Gerentes do «Atlético Sport Club».

No passado dia 15 tomaram posse os Corpos Gerentes do «Atlético Sport Club», desta cidade, a qual lhes foi conferida pelo sr. Julio Noronha, membro da Comissão Organizadora, e que fez previamente o elogio dos eleitos.

A seguir usou da palavra o Presidente da Direcção, senhor Heitor da Silva Campos, que principiou por saudar a Comissão Organizadora. Agradeceu a honra que lhe deram, escolhendo-o para presidir ao grupo de sócios que vai gerir os destinos do «Atlético», e entendendo que este club se fundou com o unico intuito de desenvolver o desporto nesta cidade, foi com satisfação que aceitou o cargo que lhe indicaram, prometendo, no seu lugar, fazer uma politica de concórdia, unica que julga capaz de contribuir para o desenvolvimento desportivo. Comparou a consideração em que no Estrangeiro é tido o desporto, com a que no nosso país é concedida aos clubs desportivos. Em seu entender, de clubs de desporto não é apenas função o desenvolvimento deste, porquanto, além de tudo, eles são também regionalistas.

Cabê portanto aos clubs de Guimarães trabalhar pelo progresso desta cidade. Finalizando, diz esperar que a Direcção removerá todos os obstáculos e que, por consequencia, o «Atlético» viverá, para ser uma forte demonstração de valor dos desportistas vimezanenses.

Fatou a seguir o sr. Antonio de Almeida, 1.^o Secretário, que começou por agradecer a sua nomeação e se referiu ás palavras do sr. Presidente, com elas concordando. Congratulou-se por vêr que todos estão dispostos a trabalhar e promete á Presidencia prestar-lhe todo o auxilio de que ella porventura careça, para que o desenvolvimento do desporto seja o mais intenso possível.

Após o encerramento da sessão, a Direcção reuniu immediatamente para tomar deliberações e iniciar a marcha de todos os trabalhos.

Siul.

Despedida

Henrique Manuel Pedro, 2.^o Sargento da G. N. Republicana, em Guimarães, tendo pedi lo a sua transferencia para o Porto, a qual lhe foi concedida, vem, ao retirar-se, despedir-se de todos os camaradas e dos Srs. Officiaes do seu Batalhão a quem agradece os favores que lhe dispensaram durante os nove anos que comandou o Posto. Agradece também aos Vimezanenses o carinho com que sempre o trataram bem assim a todas as autoridades militares e civis o auxilio que lhe dispensaram no desempenho das suas funções de comandante do Posto.

Com muita especialidade agradece os muitos e grandes favores que o Ex.^o Sr. Dr. Matos Chaves lhe dispensou e á sua familia.

A todos oferece os seus humildes prestimos naquella cidade. Igual despedida e oferecimentos faz aos seus subordinados.

7-10-924.

Henrique Manuel Pedro.

Falecimentos

Francisco Ferreira

No passado dia 9, á Rua de Francisco Agra, fideceu o sr. Francisco Ferreira, sóro do nosso particular amigo, Capitão Silveira Barrera, e tio dos srs. José Luis de Pina Capitão Pina, Antonio Gonçalves Coelho, Luis Gonçalves Coelho, Carlos Gonçalves Coelho, Tenente Carlos Coelho, Luis Filipe Coelho e Antonio Pina.

A familia enlutada apresenta «A Razão» sentidos pésames.

Padre Abilio Passos

Faleceu também, na semana finda, o R.^{v.} Padre Abilio Passos, Presidente da Humanitaria Associação dos Bombeiros Voluntários.

«A Razão» envia sentidas condolencias.

V. Ex.^a precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

Desconto aos Revendedores.

DOS GRANDES E PEQUENOS Incendios evitam-se os seus prejuizos efectuando os seguros na Companhia de Seguros Luso-Sul-Americana

ADAMASTOR

Correspondentes em Guimarães:

Benjamim de Matos & C.^a, Lim.^{da}

Já chegou nova remessa de máquinas e lâminas de Barba,—sistema: **Gillette**

Máquinas a 10\$00 e 12\$00
Lâminas: Duzia, 6\$00.
Avulsas: 360 centavos.

Casa

Vende-se um prédio com o n.º 37 A, na R. D. João I. Recebe propostas em carta fechada, até 31 do corrente: Antonio Faria Martins—Rua Gil Vicente, 54—Guimarães.

Tribunal Comercial de Guimarães

FALENCIA (1.^a Publicação)

Faz-se público que, por sentença de 9 do corrente mês, foram declarados em estado de falencia Armando Ribeiro Pinheiro, casado, negociante, da rua da Ramada, desta cidade, e José da Silva, casado, negociante, da freguesia de S. Torcato, desta comarca, bem como a firma Armando Ribeiro Pinheiro & C.^a, que entre si constituíram, sendo nomeado administrador da massa falida José Pinheiro, casado, negociante, desta cidade, e curadores fiscaes Antonio Fernandes de Melo e Dias & Correia, e assinado para reclamação dos créditos o prazo de 40 dias.

Guimarães, 11 de Outubro de 1924.

O escrivão do 5.^o officio,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente,

Amadeu G. Guimarães.

Declaração

João da Silva Canário, do Pevidem, vem declarar que não se responsabilisa por qualquer dívida contraída em seu nome sem que o próprio o faça verbalmente ou por documento assinado a seu rógio por Manuel Lemos Pinheiro.

Pevidem, 27-9-924.

João da Silva Canário.

A um p...

A correr, que não dispomos de muito tempo, lemos uma oração que um P. rabiscou no «Ecos». Aquilo vem a cheirar a mafarrico como burro e, se não fora o *queremos Deus* com que termina, diríamos ser obra de algum brutinho; mas não, que não há cristão que escreva com as patas, pela razão simples de que os não há com elas. P. não é, portanto, um brutinho; mas P. é com certeza um espertalhão que não tendo geito para mais nada, se deu a tocar no rabeção dos seus ódios ao regime a estafada ária do ateismo republicano.

Na sua prosa mentirosa—aqui não se usam perifrases, sobretudo com os que nos tr. tam de doidos e bandidos—na sua prosa mentirosa P. reclama um lugar no governo da nação para Deus. P. é um hereje ou mais do que isso, por assim querer meter o Eterno nos cambalacho da politica, a porca.

Teria graça virmos Deus em

combinatas eleitorais com a A. R. C. ou com a C. G. T. ...

E' um alho... pôdre este P. Então Portugal nasceu sob a benéfica protecção da Igr. ja? Que par de bolos... Isso é um lugar comum, santinho, mas é também um erro crasso. Flór de retórica sem cabimento que passa nas sacristias, mas que não colhe ao sol da verdade. A não ser que P. queira dizer na sua que Portugal *comprou a paternidade* por umas tantas onças de ouro... Será isso? Não deve ser. P. não vai tão longe, é curto de... vistas como de prosa.

E para ponto, o tempo vóia, vá lá esta: No tempo da Falperra de manto e coróia, no tempo dos Espregueiras, no tempo dos adiantamentos, no tempo dos Joões quintos e suas madres Paulas; dos Joões sextos e seu rapé; etc, etc, andava Deus pelo mundo e tinha seu lugar na governamentação publica, não é verdade? Deus foi por isso conivente na serie de crimes de lesa-patria e outros então cometidos, não é isso? Logo, Deus—esse Deus politico a que P. se